

O Primeiro Concílio de Nicéia

A maioria dos escritores cristãos da atualidade suprimiu a verdade sobre o desenvolvimento do cristianismo e ocultaram os esforços de Constantino para conter o caráter vergonhoso dos presbíteros que agora são chamados “Pais da Igreja.”¹

Eles foram “enlouquecidos”, disse ele.²

Registros antigos revelam a verdadeira natureza dos presbíteros, e a pouca consideração em que foram realizados os concílios, foi sutilmente reprimida por modernos historiadores da Igreja.³

Na realidade, eles foram: “os companheiros mais rústicos, ensinando estranhos paradoxos. Eles declararam abertamente que ninguém, estava apto a ouvir seus discursos, pois eram ignorantes... eles nunca apareciam nos círculos dos mais sábios, mas se infiltravam entre os ignorantes e incultos, divulgando nas praças, feiras e mercados...”⁴

Grupos de presbíteros tinham criado “muitos deuses e muitos senhores” (1 Cor. 8:5), e numerosas seitas religiosas existiam, cada um com diferentes doutrinas (Gal 1:6).

Grupos de presbíteros entraram em confronto sobre os atributos de seus vários deuses e “criaram vários altares” para competir com outros grupos (Optatus of Milevis, 1:15, 19, early fourth century).

Do ponto de vista de Constantino, havia várias facções e ele começou a desenvolver uma religião abrangente durante um período de confusão. Em uma época de ignorância crassa, com nove décimos dos povos da Europa analfabetos, isso foi apenas um dos problemas de Constantino.⁵

Simplesmente, não havia nenhuma religião cristã no tempo de Constantino, e a Igreja reconhece que o conto de sua “conversão” e “batismo” é “inteiramente lendário.”⁶

Constantino “nunca adquiriu um conhecimento teológico sólido” e “dependia fortemente de seus assessores em questões religiosas” (Catholic Encyclopedia, New Edition, vol. xii, p. 576, *passim*).

De acordo com Eusébio (260-339), Constantino observou que entre os Presbíteros havia facções “brigas e era necessário estabelecer um estado mais religioso”, mas ele não conseguia trazer um acordo entre as facções (Life of Constantine, *op. cit.*, pp. 26-8).

¹ Catholic Encyclopedia, Farley ed., vol. xiv, pp. 370-1

² Life of Constantine, attributed to Eusebius Pamphilus of Caesarea, c. 335, vol. iii, p. 171; The Nicene and Post-Nicene Fathers, cited as N&PNF, attributed to St Ambrose, Rev. Prof. Roberts, DD, and Principal James Donaldson, LLD, editors, 1891, vol. iv, p. 467

³ The Dictionary of Classical Mythology, Religion, Literature and Art, Oskar Seyffert, Gramercy, New York, 1995, pp. 544-5

⁴ Contra Celsus [“Against Celsus”], Origen of Alexandria, c. 251, Bk I, p. lxxvii, Bk III, p. xliv

⁵ Catholic Encyclopedia, Pecci ed., vol. iii, p. 299, *passim*

⁶ Catholic Encyclopedia, Farley ed., vol. xiv, pp. 370-1

Seus conselheiros avisaram que as religiões dos presbíteros tinham que ser “destituídas com fundamentos” e que precisava estabelecer uma de forma oficial (ibid.).

Constantino viu neste sistema confuso de dogmas fragmentado a oportunidade de criar uma nova religião e que se ligasse ao Estado, neutro em termos de conceito, e para protegê-lo por lei. Quando conquistou o Oriente em 324, enviou o seu conselheiro religioso espanhol, Osius de Córdoba, a Alexandria com cartas para vários bispos exortando-os a fazer as pazes entre si.

A missão falhou e Constantino, provavelmente por sugestão de Osius, em seguida, emitiu um decreto ordenando a todos os presbíteros e seus subordinados “que viessem a cidade de Nicéia, na província romana da Bitínia, na Ásia Menor”.

Eles foram instruídos a trazer com eles os testemunhos que discursavam para a multidão “em códice” para proteção durante a longa viagem, e entregá-los a Constantino no momento da chegada em Nicéia.⁷ Seus escritos totalizaram “ao todo, 2.231 pergaminhos e contos lendários de deuses e salvadores, bem como um relatório das doutrinas discursadas por eles.”⁸

Os registros desaparecidos

Assim, o primeiro encontro na história eclesiástica foi convocado e hoje é conhecido como o Concílio de Nicéia. Foi um evento bizarro que forneceu muitos detalhes sobre o pensamento clerical desde o início e apresentava uma imagem clara do clima intelectual vigente na época. Foi nessa reunião que o cristianismo nasceu, e as decisões tomadas no momento é que são difíceis de calcular.

Cerca de quatro anos antes de presidir o conselho, Constantino havia sido iniciado na ordem religiosa do Sol Invictus, um dos dois cultos de prosperidade que consideravam o Sol como o único Deus Supremo (o outro foi o mitraísmo). Por causa de sua adoração ao Sol, ele instruiu Eusébio a convocar a primeira das três sessões no solstício de verão, 21 de junho 325.⁹

De acordo com registros Eusébio “ocupou a primeira cadeira à direita do imperador e proferiu o discurso inaugural, em nome do imperador.”¹⁰ Não houve presbíteros britânicos no conselho, mas muitos delegados gregos e também “setenta bispos do Oriente”, outros representaram a África e Ásia e pequenos números vieram de outras áreas (Ecclesiastical History, ibid.).

Foi nessa assembleia e com tantas ramificações representadas, que um total de 318 “bispos, sacerdotes, diáconos, subdiáconos, e exorcistas” se reuniram para debater e decidir sobre um sistema de crença unificado, que englobava apenas um deus (An Apology for Christianity, op. cit.).

⁷ The Catholic Dictionary, Addis and Arnold, 1917, "Council of Nicaea"

⁸ Life of Constantine, op. cit., vol. ii, p. 73; N&PNF, op. cit., vol. i, p. 518

⁹ Catholic Encyclopedia, New Edition, vol. i, p. 792; Ecclesiastical History, Bishop Louis Dupin, Paris, 1686, vol. i, p. 598

¹⁰ Catholic Encyclopedia, Farley ed., vol. v, pp. 619-620

Por esta altura, uma enorme variedade de “textos discutíveis” (Catholic Encyclopedia, New Edition, Gospel and Gospels) circulava entre os presbíteros e eles apoiavam uma grande variedade de deuses e deusas orientais e ocidentais: Jupiter, Baal, Tor, Apolo, Aries, Taurus, Minerva, Mitra, Theos, Ati, Indra, Hermes, Tamuz, Iao, Saturno, Máximo etc.¹¹

A intenção de Constantino, em Nicéia foi a criação de um deus totalmente novo para o seu império, que uniria todas as religiões sob uma divindade. Os Presbíteros foram convidados para debater e decidir quem seria o novo deus. Os delegados discutiram entre si, expressando motivos pessoais para a inclusão de determinados escritos que promovessem os traços mais delicados de sua própria divindade especial.

Ao longo da reunião, alguns uivavam e o debate se tornava mais acalorado, e os nomes dos 53 deuses foram apresentados para discussão.¹²

Constantino era o espírito dominante em Nicéia e ele finalmente decidiu por um novo deus para eles. Ele determinou que o nome do grande deus druida, Hesus, deveria ser juntado com o deus Oriental Krishna (Krishna que em Sânscrito é Cristo), e, assim, Hesus Krishna seria o nome oficial do novo deus romano. A votação foi realizada e ambas as divindades se tornaram um Deus. Um novo deus foi proclamado e “oficialmente” ratificado por Constantino (Acta Concilii Nicaeni, 1618).

Como os Evangelhos foram criados

Constantino, então, instruiu Eusébio de organizar a compilação de um conjunto uniforme de novos escritos desenvolvidos a partir dos aspectos primários dos textos religiosos submetidos ao conselho. Suas instruções eram: “Examinai-vos estes livros, e tudo o que for bom neles, que mantenham, mas tudo o que for mal, será rejeitado”. O que é bom em um livro, unir-vos com outros que sejam também. E será a doutrina do meu povo, que eu recomendo a todas as nações, e assim não haverá mais guerra por outras religiões.”¹³ “Torna-os surpreendente”, disse Constantino, e “os livros foram escritos em conformidade.”¹⁴

Constantino acreditava que a coleção de mitos uniria as outras religiões sob uma história representativa. Eusébio então solicitou aos escribas produzirem “cinquenta cópias... escrito em pergaminho de forma legível, e de uma forma portátil, e os escribas realizaram sua arte.”¹⁵ Eles eram os “Novos testemunhos”, e esta são a primeira menção (d.C. 331) do Novo Testamento no registro histórico.

Com as suas instruções cumpridas, Constantino então decretou aos Presbíteros que os manuscritos mais antigos não oficializados por ele fossem “queimados” e declarou que se encontrasse com “qualquer homem algum manuscrito antigo que seria cortado seus ombros (decapitado).”¹⁶

¹¹ God's Book of Eskra, anon., ch. xlvi, paragraph 36

¹² God's Book of Eskra, Prof. S. L. MacGuire's translation, Salisbury, 1922, chapter xlvi, paragraphs 36, 41

¹³ God's Book of Eskra, op. cit., chapter xlvi, paragraph 31

¹⁴ Life of Constantine, vol. iv, pp. 36-39

¹⁵ Life of Constantine, vol. iv, p. 36

¹⁶ Life of Constantine, vol. iii, p. 29

Isso se vê que os escritos dos presbíteros anteriores ao Concílio de Niceia, não existem mais, com exceção de alguns fragmentos que sobreviveram.

Alguns registros sobreviveram e eles forneceram implicações alarmantes para os documentos antigos da Igreja. Dizem que o Concílio de Nicéia terminou em meados de novembro de 326, enquanto outros alegam que a luta para estabelecer um deus era tão forte que se estendeu “para quatro anos e sete meses” desde o seu início em Junho de 325 (Secrets of the Christian Fathers, op. cit.).

Registros históricos revelam que houve um “auto-interesse” em criar o cristianismo.¹⁷ No entanto, não foi chamado “Cristianismo” até o século 15.¹⁸ Ao longo dos séculos seguintes, novos testemunhos de Constantino foram “interpolados” e adicionados em outros escritos.¹⁹

Por exemplo, em 397 João Crisóstomo, “conhecido como boca de ouro” reestruturou os escritos de Apolônio de Tiana, um sábio do primeiro século, e o inseriu como parte do Novo Testemunho (Secrets of the Christian Fathers, op. cit.). O nome latinizado de Apolônio é Paulus e hoje a Igreja chama os escritos das epístolas de Apolônio de Paulo. Apolônio teve um companheiro de nome Damis, um escriba assírio, que é o Demas do Novo Testamento (2 Tim. 4:10) (A Latin-English Dictionary, J. T. White and J. E. Riddle, Ginn & Heath, Boston, 1880).

A Igreja admite que as epístolas de Paulo sejam falsificações, dizendo: “Mesmo as epístolas genuínas foram interpoladas para dar peso às opiniões pessoais de seus autores.”²⁰

Da mesma forma, Jerônimo (d.C. 420) declarou que os “Atos dos Apóstolos”, o quinto livro do Novo Testamento, também foi “falsamente escrito.”²¹

¹⁷ A Smaller Classical Dictionary, J. M. Dent, London, 1910, p. 161; Encyclopedia of the Roman Empire, Matthew Bunson, Facts on File, New York, 1994, p. 86

¹⁸ How The Great Pan Died, Professor Edmond S. Bordeaux [Vatican archivist], Mille Meditations, USA, MCMLXVIII, p.45-7

¹⁹ Catholic Encyclopedia, Farley ed., vol. vi, pp. 135-137; also, Pecci ed., vol. ii, pp. 121-122

²⁰ Catholic Encyclopedia, Farley ed., vol. vii, p. 645

²¹ The Letters of Jerome, Library of the Fathers, Oxford Movement, 1833-45, vol. v, p. 445